

- Falorca, app. h., 1258. Inq. 297, 1.^a cl.
 Famelcos (Uilla plana de), geogr., 922. L. Preto. Dipl. 16.
 Famelgas, geogr., 1258. Inq. 513, 2.^a cl.
 Famelicam, geogr., 1258. Inq. 549, 2.^a cl.
 Fandila, n. h., 1008. Doc. most. Moreira. Dipl. 121.
 Fandilanes, villa, 1054. Doc. most. Pendorada. Dipl. 238.
 Fandilaz, app. h., 1086. Doc. most. Moreira. Dipl. 396.
 Fandilu, n. li. (?), 927. Doc. most. Lorvão. Dipl. 21, n.º 33.
 Fanicaes, geogr., 1220. Inq. 133, 1.^a cl.
 Fanni, app. h., 1115. Concilio Ovet. Leg. 141.
 Fantaes, geogr., 1258. Inq. 614, 2.^a cl.
 Fanzaranes, geogr. (?), 1032. L. Preto. Dipl. 167, n.º 273.
 Fanzares, villa, 1258. Inq. 522, 2.^a cl.—Id. 523.
 Fanzeres, geogr., 1258. Inq. 518, 2.^a cl.
 Fano, villa, 959. L. D. Mum. Dipl. 48.—Id. 258.
 Fao, geogr., 1220. Inq. 107, 1.^a cl.—Id. 116 e 188.
 Faorta, geogr., 1089. L. B. Ferr. Dipl. 433.
 Faquiam, geogr., 1258. Inq. 434, 1.^a cl.—Id. 675.
 Faquina, n. m., 1065. Doc. most. Pendorada. Dipl. 282.
 Farache, n. h., 937. Doc. most. Lorvão. Dipl. 27.
 Farachi, n. h., 1088. L. Preto. Dipl. 420.
 Faramontanellos, geogr., 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 231.—Id. 334.
 Faramontanos, geogr., 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 231.—Id. 334.

(*Continúa*).

A. A. CORTESÃO.

Noticias várias

1. Mosaico achado em Collares

Cintra, 17.—Proximo do logar de Santo André, na freguesia de Collares, nas escavações que se estão fazendo para a construcção da estrada de Almoçageme ao Rodisio, foram descobertas umas ruinas de edificações antigas, as quaes, segundo nos informam, devem contar alguns seculos.

Tivemos occasião de observar um fragmento do solo de uma d'essas edificações, o qual é formado por quadrados de pedra e tijolo, de um decimetro quadrado de superficie cada um, e dispostos simetricamente.

(*Diario de Noticias*, de 18 de fevereiro de 1905).

2. A sepultura do Alfageme de Santarem

Pelo que se crê, acaba de ser casualmente descoberta nas ruínas do mosteiro do Carmo a sepultura do celebrado Alfageme que Almeida Garrett immortalizou no seu primoroso drama tão conhecido e apreciado.

Na semana passada, ao fazer-se a picagem da alvenaria de uma das grossas paredes interiores do edificio do quartel da guarda municipal, paredes das escadas do claustro, para fazer ali o deposito do armamento de cavallaria, o pedreiro José Fernandes notou que algumas letras appareciam de sob a camada de cal e areia, que revestia a parede, e, a breve trecho, descobriu uma pequena lapide, da qual fez pouco caso.

Hontem de tarde, porem, o tenente Vasconcellos deu com a lapide, e, mandando lavá-la, conseguiu ler a seguinte inscripção, que apenas occupa duas linhas:

ESTA : SEPULTURA : HE : DE : V : DE :
GUIMARÃES : ALFAGEME.

Em seguida á inscripção vê-se um desenho que representa uma lança com uma estrella na parte superior, e ao meio algumas espadas cruzadas.

A lapide está cravada numa parede que communica com o interior da igreja e que, pelo lado opposto, se encontra toda coberta de musgo, suppondo-se que nunca houvesse soffrido qualquer modificação.

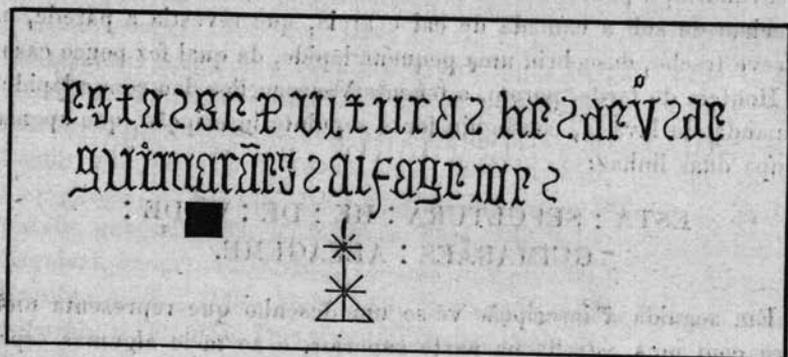
O Sr. tenente Vasconcellos participou a muitos outros officiaes da guarda o achado que fizera e que parece confirmar a lenda, segundo a qual, D. Nuno Alvares Pereira promettera ao alfageme condigna sepultura no Carmo.

(*Seculo*, de 16 de fevereiro de 1905).

Conforme noticiamos, parece fora de duvida que a lapide, ultimamente encontrada em uma parede das ruínas do convento do Carmo, pertence ao tumulo do dedicado companheiro de armas do heroico e destemido Nun'Alvares Pereira. Comquanto os nomes agora decifrados da inscripção—«Esta : sepultura : he : de : Vasco : Guimarães : Alfageme»—diffiram um pouco do que se encontra escrito nas «Chronicas» do imprimidor Germain Galharde e do frade José Pereira de Sant'Anna, tudo leva a crer, pela descripção que este faz dos tumulos do mosteiro do Carmo, que esta lapide não pode ser outra senão a de «Fernão Vaz» do drama de Garrett ou de «João de Guimarães» do frei José Pereira de Sant'Anna. De facto, este frade, na sua *Chronica*

das *Carmelitas*, indica que a sepultura de *João* de Guimarães, que sempre acompanhou o Condestavel, antes e depois de professar, ficaria na parede immediata á porta que dá entrada para o claustro que vem da igreja, á altura de uma vara.

Não ha duvida alguma que é esta a mesma lapide. Surge, no entanto, uma difficuldade a resolver: e é se a substituição do nome de *Vasco* pelo de *João* foi ou não propositado, ou se erronea interpretação dos caracteres gothicos. Naturalmente nos inclinamos a esta ultima hypothese, que nos parece ser perfeitamente admissivel.



Pedra e inscripção tumular do Alfageme de Santarem

Seja como for, foi este um bello descobrimento, porque nos evoca ao espirito gloriosas tradições da nossa historia, dignas de serem lembradas, e, mais do que isto, gravadas em todos os nossos corações.

(*Seculo*, de 17 de fevereiro de 1905).

Parece estarem desfeitas as duvidas que porventura existissem acêrca da lapide ha dias descoberta na galeria do claustro do quartel do Carmo.

A lapide designa effectivamente a sepultura d'esse personagem da nossa historia antiga.

Hontem pela 1 hora da tarde esteve alli novamente o Sr. Gabriel Pereira, conservador do Museu Archeologico, que ficará de lá voltar para mais detidamente examinar a lapide.

Notara elle a differença que ha entre a profundidade de traços do desenho, que está por baixo da inscripção, e a das letras d'esta, differença que á primeira vista o induzia á supposiçao de que esse desenho não fôra obra do mesmo canteiro. Suppôs-se ao principio que o descobrimento se limitara apenas á lapide, e que a sepultura, embora tivesse estado encostada á parede, houvesse desaparecido, talvez com

o terramoto de 1775, ou ainda com o de 1734, que também fôra muito violento e causara grandes estragos no antigo mosteiro do Carmo. O túmulo, porém, deve estar entaipado na grossa parede, mettido pelo espaço que a lapide occupa, que tem as dimensões próprias para o comportar, entrando do lado da cabeceira.

A lapide já no seculo XVII fôra dissimulada por um painel de azulejo, de que agora se não encontrou o menor vestigio. O local em que hoje se encontra é, no entanto, o mesmo onde nesse seculo ella estava collocada.

Tambem não ha vestigios de ter sido removida d'ali, nem era natural que assim acontecesse.

A Chronica da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, escrita em 1745 por Fr. Joseph Pereira de Sant'Anna, diz isto:

«Pelo que respeita ás sepulturas notaveis do claustro deve ter logar primeiro uma que está na parede immediata á porta que para o mesmo claustro dá entrada aos que vem da igreja. Fica em altura de uma vara levantada do pavimento, hoje encoberta com o painel de azulejo em que se representa o nosso padre S. Cyrillo, presidindo no concilio Efesino e nelle condemnando ao Heresiarca Nestorio. Quando se assentou o dito azulejo appareceu um letreiro gothico que diz: «Esta sepultura he de João Guimarães. Alfageme.» O padre Fr. Jeronimo da Encarnação affirma que este fôra o Espadeiro, o qual não quis em Santarem receber dinheiro pelo concerto que fez na espada do nosso invicto condestavel, segurando-lhe que tudo lhe satisfaria quando por ali voltasse feito conde de Ourem. Assim aconteceram, porque passando o dito conde por aquella villa, condecorado com este titulo achou o Espadeiro preso com todos os seus bens confiscados, por se haver inclinado ao sequito de Castella; o que sabido logo lhe deu liberdade e lhe mandou restituir os bens. Obrigado a tanta clemencia o dito João de Guimarães sempre acompanhou ao santo condestavel, não só no seculo, mas tambem que tomou o habito e viveu na religião. Morrendo pois neste convento o mesmo fundador lhe destinou aquella honrada sepultura, onde por annos lhe mandou esculpir a marca de que usava nas espadas e por epitaphio lhe fez lavrar no marmore, como de pessoa virtuosa, a occupação e o nome».

(Diario de Noticias, de 18 de fevereiro de 1905).

Nota. Sendo o *v* gothico facilmente confundivel com o *y*, é de supôr que na inscripção estivesse *y* que significa *yoam* ou *João*. Se o pedreiro tivesse pretendido gravar *vasco* teria dado em abreviatura *v^{co}* e não *v^o*, abreviatura que vae contra o uso geral. Do que fica dito se collige que o nome do alfageme era na verdade «João».

3. Ruínas e edificios em Almoçageme

Almoçageme, 19.—Em escavações nuns terrenos pertencentes ao Sr. Matheus Coelho, entre Santo André, antiga freguesia e o Fetal, á entrada de Almoçageme e onde se está principiando a nova estrada d'esta localidade ao Rodisio, foram encontradas as ruínas de antiquissimas edificações, revestidas em parte de ricos azulejos e quadrados symetricos de tijolo e pedra, realmente interessantes e de valor.

Isto tem sido admirado por bastante gente d'estes sitios.

(*Diario de Noticias*, de 22 de fevereiro de 1905.)

4. Testamento do Conde de S. Miguel

O Sr. Conde de S. Miguel, Sebastião Guedes Brandão de Mello, fallecido na ultima segunda-feira, deixou testamento, em que fez as seguintes disposições:

Declara ser filho legitimo de Francisco Brandão de Mello, filho dos segundos Condes de Torena, e de sua mulher D. Maria de Natividade Guedes de Portugal e Meneses, filha dos primeiros Viscondes da Costa, viuvo de D. Mariana da Madre Deus José Paulino de Noronha, filha primogenita e herdeira dos decimos Condes dos Arcos de Val-de-Vez e Condessa de S. Miguel.

.....

Lega a sua sobrinha D. Mariana Geraldês de Noronha e Meneses Costa, neta materna do Conde dos Arcos, D. Nuno José de Noronha e Brito, e casada com Mario Tavares Costa, o palacio da sua residencia, no largo do Salvador, pedindo-lhe que reserve para sua residencia ou para pessoa de familia d'ella o andar nobre do mesmo palacio, que lhe deixa com toda a mobilia, que coube a sua tia materna, a Condessa de S. Miguel, na partilha dos bens mobiliarios de herança de seu pae o referido Conde D. Nuno, e bem assim a louça da India, jarras grandes e vidros provenientes da mesma herança, os retratos de seus ascendentes, a mobilia que guarnece a galeria que dá accesso á capella e todos os moveis d'esta, paramentos e mais objectos destinados ao culto, lampada, santos e quadros, devendo, porém, a dita legataria dar a seus irmãos a parte que lhes competir na divisão dos objectos arrecadados no bahu de ferro, que está na sacristia, e na divisão da livraria da herança de seu avô, se estas divisões não estiverem já effectuadas.

.....

Recommenda a conservação do cartorio e pergaminhos da casa de seus avós maternos, no logar onde se achem, devendo dar aos outros

herdeiros ou legatários os titulos dos bens que lhes pertençam, quando não preferirem conservá-los no mesmo cartorio, onde deverão continuar archivados os documentos communs a todos os seus herdeiros».

(*Seculo*, de 31 de dezembro de 1904).

5. O archivo notarial de Vimieiro

Segundo se lê no *Diario*, de 19 de janeiro de 1905, foram desca-minhados ou destruidos 29 livros pertencentes ao archivo do notariado do julgado de Vimieiro (Alemtejo). O auctor d'este crime foi preso e condemnado.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliographia

Elogio historico do general Carlos Ribeiro, por Joaquim Filippe Nery Delgado, Lisboa 1905, 65 pags., com um retrato de Carlos Ribeiro.

Nesta substanciosa memoria, que foi lida em sessão solemne da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes, traça o Sr. Joaquim Filippe Nery Delgado com mão de mestre um quadro biographico de Carlos Ribeiro, considerando todas as phases da sua vida de homem publico. É sabido que Carlos Ribeiro foi não só o fundador dos estudos geologicos em Portugal, mas tambem um dos iniciadores, entre nós, dos estudos prehistoricos, em que teve como companheiros o fallecido Dr. Pereira da Costa e o proprio Sr. Delgado, autor do *Elogio historico*; a elle se deve alem d'isso o ter o Congresso de Anthropologia Prehistorica podido realizar em Lisboa, em 1880, uma das suas sessões. No campo da archeologia prehistorica publicou Carlos Ribeiro o seguinte:

Descripção de alguns silex e quartzites lascados, 1871;

Relatorio do Congresso de Bruxellas, 1873;

Sur les silex taillés, nas Actas do mesmo Congresso, 1872;

Sur la position géologique des couches miocènes et pliocènes du Portugal, ibidem;

Quelques mots sur l'âge du cuivre et du fer en Portugal, ibidem;

Estudos prehistoricos, 2 vol., 1878-1880;

Quelques mots sur l'âge de la pierre en Portugal, nas Actas do Congresso de Paris, 1878;

L'homme tertiaire en Portugal, nas Actas do Congresso de Lisboa, 1880;

Les kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage, ibidem.

As noticias necrológicas e biographicas citadas pelo Sr. Delgado a pags. 54-55 do seu interessante opusculo acrescentarei mais uma: Camillo Castello Branco publicou em 1884, no Porto, um folheto que denominou *O general Carlos Ri-*